

Utopia e distopia nas dobras do tempo de Vera Duarte

Marcelo Brandão Mattos¹

Resumo: Propõe-se, neste capítulo, uma análise da poesia da escritora cabo-verdiana Vera Duarte em dois momentos distintos de produção, não apenas separados pelo tempo das vivências da poeta, mas também (e sobretudo) por sua situação sócio-histórica, em relação às lutas de libertação e à independência em seu país e nas outras ex-colônias portuguesas, irmãs na língua e nos sentidos da africanidade. Objetiva-se, com isso, pensar a produção poética de Vera Duarte a partir de dois eixos contextuais: utopia e distopia. As reflexões aqui desenvolvidas são ampliações de um trabalho de pesquisa que resultou na publicação do livro *A geração da distopia* (2021), sobre a ficção de autores angolanos da mesma forma atravessadas pelo tempo. O referencial teórico deste capítulo foi desenvolvido, portanto, a partir do livro referido e dos teóricos que embasaram a pesquisa, como Anibal Quijano (2005), Frantz Fanon (1968), Amílcar Cabral (1980), Boaventura de Sousa Santos (2008) e Pires Laranjeira (2000). São também referências deste texto pensadores da ancestralidade africana e teóricos da contemporaneidade mundial. As análises permitem observar as diferentes representações poéticas em tempos distintos, separados por uma história de projetos e desilusões.

Palavras-chave: Literaturas africanas de língua portuguesa; Poesia cabo-verdiana; Utopia; Distopia.

O tempo, para além de sua representação diegética, sendo um dos elementos fundamentais da narrativa ficcional, pode também ser entendido como uma medida extradiegética que acompanha o fazer poético. Afinal, se o tempo é uma medida da vida, é por consequência uma condição inexorável do poeta em sua atividade literária. Edward Said, no livro *Estilo Tardio* (2009), reflete sobre a influência do tempo na produção e, portanto, no resultado artístico, reconhecendo-o em três noções: (1) “a noção de princípio, de nascimento e origem, que, no contexto da história, trata de pensar o início de determinado processo, como este se estabelece e institui, como vive e se projeta” (Said, 2009, p. 24); (2) uma ideia “relativa à continuidade depois do nascimento, o desenvolvimento de um princípio, no tempo que vai do nascimento à juventude, à maturação reprodutiva e à maturidade” (Said, 2009, p. 25) e, por fim, (3) “o período final ou tardio da vida, a decadência do corpo, a falência da saúde ou qualquer outro fator capaz de, mesmo numa pessoa jovem, levar ao fim da vida” (Said, 2009, p. 26), sendo este último objeto de investigação da referida obra.

¹ Professor Adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de língua portuguesa pela Universidade Federal Fluminense. Graduado em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade Federal Fluminense. Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7400-1848>. E-mail: marcelobmatt@gmail.com.

A maturação do poeta é parte integrante de sua obra, cujo processo se estabelece em dimensões subjetivas, sócio-históricas e políticas muitas vezes indistinguíveis. Essa é uma verdade que se pode tomar como universal – como propõe Said –, mas que tem contornos mais densos e evidentes na História e nas culturas africanas, devido ao fato de que as recentes memórias das lutas coloniais e as investigações em torno das novas configurações pós-coloniais sejam componentes indissociáveis das identidades em construção no continente. Entender-se africano em um mundo de hegemonias ocidentais é ainda um desafio que impõe a um africano uma postura de combate. Como ensina Aníbal Quijano (2005), mais perverso e duradouro do que a colonização territorial, com a dominação pela presença da administração política de um colonizador específico, é a “colonialidade do poder”, com métodos e artimanhas invisíveis, dispersos em mecanismos voláteis de controle. Isso é uma condicionante pós-colonial que ainda vitima a África no mapa geopolítico global.

Além das questões decorrentes dos processos coloniais, há inerências próprias das tradições e da ontologia africana. Sabe-se (hoje, mais) o quanto muitas vezes pode ser impreciso e estereotipado descrever a África como um conjunto uniforme e isolado. Entretanto, não se podem desprezar conexões étnico-culturais que permitiram (e permitem) aos observadores elencar traços comuns que se destacam não apenas pelas semelhanças, mas sobretudo por diferirem conjuntamente de traços hegemônicos do ocidente. Um exemplo está nas impressões de Placide Tempels a respeito do que ele notificou como parte da ontologia bantu:

Para o bantu, todos os seres do universo têm a sua própria força vital: humano, animal, vegetal ou inanimado. Cada ser foi dotado por Deus com uma certa força, que é capaz de fortalecer a energia vital do ser mais forte da criação: o homem (Tempels, 1945).

A espiritualidade que o missionário Tempels traduz como “Deus” pode ser pensada, hodiernamente, como uma força suprema que orienta a vida – no caso africano, não a partir do céu, mas a partir da terra.

O fato de todos os seres compartilharem a mesma energia vital que advém da terra (a terra é “mãe”, o que corrobora com a visão maternal da África) produz um olhar fraterno a respeito da convivência entre os entes vivos, o que – advoga Tempels – tornou o africano mais vulnerável nos processos coloniais, tendo em vista que o seu entendimento sobre a própria existência viva no espaço, em princípio, não lhe permitiu diferir os sujeitos locais dos invasores,

uma noção de equilíbrio entre os seres que foi violentada pela cultura europeia de invasões, guerras e explorações. De toda forma, naquilo que diz respeito à filosofia ancestral predominante nas tradições africanas, observa-se um vínculo profundo entre a noção de indivíduo e as suas relações socioambientais – o que se representa, na “filosofia africana” pelo conceito de *ubuntu*.

Ubuntu é uma maneira de estar na vida. É uma palavra que condensa a verdadeira essência do que é ser Humano. A minha humanidade está intrinsecamente ligada à tua e, por isso, eu sou humano porque pertencço, participo e partilho de um sentido de comunidade. Tu e eu somos feitos para a interdependência e para a complementaridade (Tutu, 2024).

De acordo com o líder religioso sul-africano Desmond Tutu, a ideia *ubuntu* sintetiza o imbricamento entre o sujeito e sua comunidade, o que se traduz com a sentença: “Eu sou porque nós somos”. O filósofo sul-africano Mogobe Ramose explica, por meio da etimologia da palavra, que ao vincular o sujeito à sua condição de pertencimento coletivo, *ubuntu* promove um imbricamento entre a ontologia e a epistemologia africanas:

Ubuntu é na verdade duas palavras em uma. Consiste no prefixo ubu- e no radical ntu-. Ubu evoca a ideia do ser em geral. É um ser envolvido antes de se manifestar na forma concreta ou no modo de existência de uma entidade particular. Ubu- como ser envolvido é sempre orientado para o desenvolvimento, isto é, para a manifestação concreta contínua e incessante através de formas e modos particulares de ser. Nesse sentido, ubu- está sempre orientado para -ntu. No nível ontológico, não há separação e divisão estrita e literal entre ubu- e -ntu. Ubu- e -ntu não são duas realidades radicalmente separadas e irreconciliavelmente opostas. Pelo contrário, são mutuamente fundantes no sentido de que são dois aspectos do ser como uma unidade e uma totalidade indivisível. Assim, ubu-ntu é a categoria ontológica e epistemológica fundamental no pensamento africano dos povos de língua bantu. É a unidade e a totalidade indivisíveis da ontologia e da epistemologia. Ubu- como a compreensão generalizada do ser pode ser considerada distintamente ontológica, enquanto que -ntu, como o ponto nodal no qual o ser assume uma forma concreta ou um modo de ser no processo de desenvolvimento contínuo, pode ser considerado distintamente epistemológico² (Ramose, 2003, p. 380).

² Tradução nossa para o original em inglês: “Ubuntu is actually two words in one. It consists of the prefix ubu- and the stem ntu-. Ubu- evokes the idea of be-ing in general. It is enfolded be-ing before it manifests itself in the concrete form or mode of existence of a particular entity. Ubu- as enfolded be-ing is always oriented towards

Por razões diversas e complementares, há em África uma conexão mais estreita e indissociável entre os aspectos subjetivos e histórico-culturais formadores das identidades, o que acarreta implicações (defendo aqui) na forma como o/a poeta africano/a expressa a realidade em tempos distintos, como sujeito-histórico no antes e depois da(s) independência(s), considerando os recentes períodos de um duradouro colonialismo, os momentos de luta pela libertação e o enfrentamento de realidades contemporâneas não exatamente (ou, ao menos, não completamente) compatíveis com os projetos sonhados no passado quando se pensavam as nações independentes. Em *A geração da distopia* (2021), livro desenvolvido a partir de pesquisas sobre a ficção angolana, defendo ser possível distinguir a produção contemporânea daquela que se escreveu no período da luta e no imediatamente após a independência, a partir de um viés dicotômico utopia/distopia e as implicações desses sentidos para as representações ficcionais. Neste capítulo, proponho pensar essas questões (que não são exclusivamente angolanas, mas africanas, aplicáveis sobretudo aos países africanos tardiamente livres do colonialismo português) na poesia da cabo-verdiana Vera Duarte em duas produções separadas pelo tempo: *Amanhã Amadrugada* (2023), que reúne poemas produzidos entre 1975 e 1985, e *Urdindo palavras no silêncio dos dias* (2024), recente obra que, como informa o subtítulo do livro, apresenta poemas produzidos durante a pandemia global do coronavírus.

***Amanhã Amadrugada*: tempo de utopia**

O tempo de formulação de um sentido para a cabo-verdianidade coincidiu com a concepção concentrada de uma africanidade, perante os esforços de lideranças revolucionárias

unfoldment, that is, incessant continual concrete manifestation through particular forms and modes of being. In this sense ubu- is always oriented towards -ntu. At the ontological level, there is no strict and literal separation and division between ubu- and -ntu. Ubu- and -ntu are not two radically separate and irreconcilably opposed realities. On the contrary, they are mutually founding in the sense that they are two aspects of be-ing as a one-ness and an indivisible whole-ness. Accordingly, ubu-ntu is the fundamental ontological and epistemological category in the African thought of the Bantu-speaking people. It is the indivisible one-ness and wholeness of ontology and epistemology. Ubu- as the generalized understanding of be-ing may be said to be distinctly ontological. Whereas -ntu as the nodal point at which be-ing assumes concrete form or a mode of being in the process of continual unfoldment may be said to be the distinctly epistemological”.

como Amílcar Cabral (1980) e Frantz Fanon (1968) para a concepção de um espírito de unidade revolucionária africana. De acordo com o líder guineense,

A unidade política e moral do movimento de libertação e do povo que ele representa e dirige implica a realização da unidade cultural das categorias sociais fundamentais para a luta. Essa unidade traduz-se, por um lado, por uma identificação total do movimento com a realidade do meio e com os problemas e as aspirações fundamentais do povo e, por outro, por uma identificação cultural progressiva das diversas categorias sociais que participam na luta (Cabral, 1980, p. 63).

A concentração de forças para as lutas de libertação em África advinha de dois fatores associados: (1) o repúdio à usurpação da terra por parte dos poderes coloniais e (2) a superação do racismo fundado a partir da chegada dos europeus em solo africano, com a constituição de uma alteridade inferiorizante. Em função dessa realidade opressora, Frantz Fanon (1968, p. 28) defendeu a urgência por uma resposta à violência colonial, denunciando a colonização como a determinação de “um mundo cindido em dois”, a criação de “um mundo maniqueísta” (Fanon, 1968, p. 30) cujas bases foram raciais, sociais e nacionalistas – nacionalismo, evidentemente, pensado do ponto de vista dos colonizadores. Tornar-se, portanto, um cabo-verdiano (e um angolano, um moçambicano, um guineense, um são-tomense) era uma condição de luta alimentada pelo sonho de ter um Estado soberano e independente, em que fosse possível vencer a desigualdade e o racismo.

Com esse espírito, intelectuais e artistas africanos ajudaram a escrever a africanidade e as nacionalidades em África antes mesmo das vitórias nas lutas e o reconhecimento das independências. Afinal, “fundamentalmente, as literaturas africanas formaram-se como nacionais, antes da nacionalidade, através de uma retórica e uma imagética que enfatizavam o concreto, o social, a história e o político” (Laranjeira, 2000, p. 236). Dentre a geração de poetas cabo-verdianos destacados por um comprometimento com os ideais da luta e a formação nacional, retenho-me neste capítulo à poesia de Vera Duarte, que além de inegável valor estético, se impõe pela força representativa de seu tempo. Em *Amanhã Amadrugada* (2023), primeiro livro da autora publicado originalmente em 1993, a poesia de Vera está comprometida com o projeto da nação cabo-verdiana independente. O livro, dividido em quatro partes, se organiza em uma estrutura de cronologia inversa: O “caderno I” (p. 11-32) apresenta “15 momentos de um longo poema dedicado ao amor”, de 1985; o “caderno II” (p. 33-45),

“exercícios poéticos” de 1980; o “caderno III” (p. 47-70), “poemas de bloqueio – e de amor e ausência”, escritos entre 1975 e 1980; e o “caderno IV” (p. 71-85), apresenta a poesia “de quando se soltaram as armas”, de 1975. Pelas razões já anteriormente descritas, deter-me-ei em poemas que se localizam nos dois últimos cadernos do livro.

O poema “O povo em poesia” (do caderno IV) sintetiza o comprometimento da poeta e, conseqüentemente, da sua poesia com o instante da vida nacional, a utopia de uma nação vitoriosa na conquista da liberdade e da democracia:

A essência das coisas
 é a sensibilidade do poeta
 a terra fez-me sensível
 e penetrei com desespero
 no fundo da miséria dos homens

Agora sei tudo
 a poesia dos oprimidos
 é a beleza grandiosa
 do povo empunhando com ódio
 as armas que o libertarão (p. 73).³

Poeticamente, Vera Duarte retrata o espírito otimista com a aproximação da conquista e/ou a recém-conquista da independência. O eu-lírico rememora intimamente a “opressão” e a “miséria” impingidas pelo colonizador para extrair dessas realidades vividas, com a “sensibilidade do poeta”, a consagração da vitória, na “beleza grandiosa/ do povo empunhando com ódio/ as armas que o libertarão”. “A vitória é certa” e “a liberdade é garantida” eram lemas da luta anticolonial que imbuíam o espírito nacional para a luta e o espírito poético para antecipá-la e redigi-la. O mesmo se pode depreender do poema “Setembro” (caderno III):

Carregamos às nossas costas
 o saco pesado da revolta
 cheio de mil sampés, punhais afiados e ódios acumulados.
 Peregrinamos terra longinquamente
 com os pés comidos e sangrantes
 e a cabeça gritando maldições
 de tanto sofrimento humano
 Mil revoltas explodiram em nós

³ A partir deste ponto do capítulo, apontarei os poemas dos livros já referidos (inclusive separados nas subpartes do texto) apenas pelos números de página.

calados ao som de tiros e sangue
 ...E as grilhetas nos estrangularam
 Mas um dia a dor acabou-se.
 Num setembro de chuvas abundantes
 a água varreu o lamaçal
 limpou os corpos caídos
 levou dejetos e tudo
 e apenas deixou
 - redimidos –
 os homens, a terra
 e o futuro (p. 49).

O poema tematiza o sofrimento dos cabo-verdianos durante o período colonial e, em seguida, o sentimento de redenção, após a decretação da independência em 5 de julho de 1975. Setembro é uma referência ao pós-independência em Cabo Verde, mas pode também ser lido como uma homenagem à conquista da independência da Guiné Bissau, que proclamou a sua independência, unilateralmente, em Setembro de 1973. Nesse momento, afinal, Cabo Verde e Guiné estavam associados por meio da criação do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Além de se comemorar o feito da nação-irmã, portanto, a conquista na Guiné antecipava a vitória cabo-verdiana por vir.

Estruturalmente, o poema se divide em duas partes: o antes e o depois da libertação nacional. O peso carregado às costas, “punhais afiados e ódios acumulados”, “os pés comidos e sangrantes” a corporificarem “tanto sofrimento humano” produziram revoltas e flagelos com “tiros e sangue”. “Mas um dia a dor acabou-se”, exclama o eu-lírico quase ao centro do poema. Imageticamente, a independência é representada por “chuvas abundantes”, “a água [a varrer] o lamaçal” dos “corpos caídos”, “dejetos e tudo”. Ao fim, restaram “redimidos –/ os homens, a terra/ e o futuro”. Note-se que a poesia aponta para um futuro redentor, a superação dos malfeitos impostos aos homens locais. Esse mesmo olhar esperançoso para o futuro se exprime no poema “Morreu uma combatente” (caderno II) que refiro a seguir:

Sol poente de domingo
 o dia a cambar
 e a peste a subir nos ares
 a encher
 a sufocar
 Na cidade ouve-se um grito:
 - MORREU UMA COMBATENTE!

Morta, jaz a meus pés a mulher indócil
 o corpo em espuma que me inebriou
 já não é!
 a luz fosforescente
 foi apagada por mãos cruéis
 Ah, tivera eu exércitos
 armados até os dentes
 e lançar-me-ia
 touro furibundo
 sobre os seus algozes
 - desditosa sina de amar a luta

Teus cabelos se espalham
 ensanguentados
 sobre teu fato de guerrilheira
 e jazes inerte
 Mas em ti a vida se futurou
 e em mil manhãs de luz
 ela se multiplicará (p. 54).

A cena “narrada” no poema descreve a tragédia humana comum a todo campo de batalhas, a morte de uma combatente, mártir da luta coletiva. Vera Duarte produz, nesse texto, um poema-dedicatória, uma homenagem a uma mulher alvejada na guerra, “apagada por mãos cruéis”. O assassinato de uma guerrilheira, caída aos pés da lírica enunciativa, evoca a evidência de uma reação iminente e proporcional ao dano. Fanon, no capítulo “Da violência”, de *Os condenados da terra* (1968), defende que a ação violenta da luta anticolonial é uma resposta, é a contrapartida da abordagem violenta do colonizador. O eu-lírico de Vera Duarte reproduz essa ideia defendida pelo teórico antilhano com os versos “Ah, tivera eu exércitos/ armados até os dentes/ e lançar-me-ia/ touro furibundo/ sobre os seus algozes”, que expressam o desejo de vingança, a vontade de dar a resposta violenta à violência colonial. Por isso, reconhece a “desditosa sina de amar a luta”. A tristeza pela morte da combatente, entretanto, não inibe a manutenção do desejo, da crença na nação sonhada. Nos últimos versos do poema, destacam-se elementos que compõem o cenário imaginado no futuro: “manhãs de luz” em que haverá a “multiplicação da vida”.

A guerrilha é o processo necessário à obtenção do sonho, é a concretude no presente de um futuro que virá (ou assim se crê). Essa ideia, expressão no poema “Morreu uma combatente”, referido acima, também se pode notar em “Guerrilheiro” (caderno III):

Trazes em ti
o elemento que desequilibra
exigindo transformação

Por ti o sonho se fecundou
e em concreta utopia
os corpos duros e belos
fundiram-se com as trevas
na noite densa do mato

Turbilhão de angústia
Paixão grande
Vida a transbordar...

A sociedade não te permitirá assim
E será a luta adiada
sonho-presente
do futuro-realidade (p. 77).

Há uma “concreta utopia” que acalenta em tempos de luta, diante das “trevas” e do “turbilhão de angústia” que caracteriza o estado de guerra, proporcionando insegurança e tristeza. O guerrilheiro representa, nesse contexto, “o elemento que desequilibra/ exigindo transformação”. Só se sobrevive em período de um desequilíbrio próprio de uma dominação opressora por meio da expectativa em torno de uma transformação, a criação de uma realidade nova em que se possa crer no homem novo. Nas palavras de Paulo Freire (1992, p.133): “nossa utopia, nossa sã insanidade é a criação de um mundo em que o poder se assente de tal maneira na ética que, sem ela, desapareça e não sobreviva”. Em poesia, Vera Duarte reproduz essa ideia com a concepção de um “sonho-presente/ do futuro-realidade”.

Urdindo palavras no silêncio dos dias: tempo de distopia

A contemporaneidade desafia a manutenção dos sonhos, evidenciando distopias em lugar de antigas utopias. Conforme nos apontam alguns teóricos da pós-modernidade, como Bauman (1998) e Lyotard (2009), há em curso uma crescente descrença na solidez das verdades e dos sujeitos que delas derivam (se entendemos que sujeitos são também construídos a partir

de hipóteses de verdades). Já não se pensam permanentes as instituições, nem se consideram de forma absoluta as fronteiras geopolíticas definidoras das identidades. As democracias capitalistas revelaram sua fragilidade e lideranças neofascistas proliferam pelo mundo, com apoio popular. Por sua vez, governos socialistas foram dissolvidos, se deixaram penetrar por ideais neoliberais ou intensificaram suas bases militaristas, aumentando o seu isolamento internacional. No caso específico da África, muitos projetos revolucionários não resultaram em mudanças significativas para as nações independentes, porque as bases do sistema conservador se especializaram em absorver e mercantilizar ideias transgressoras. As tão sonhadas lutas de libertação não libertaram as nações por completo. Seja, portanto, pelo viés pós-colonial ou pós-moderno – Boaventura de Sousa Santos (2008) defende que os vieses se entrelaçam –, há desencantos por toda parte, influenciando pensamentos e ações. Evidentemente, os novos sentidos a partir desse cenário serão representados por artistas que, consciente ou inconscientemente, começam a retratar a distopia.

Já mencionei neste artigo meu trabalho de doutoramento que resultou no livro *A geração da distopia* (2021), cujo subtítulo defini – por sugestão da editora – como “representações da angolanidade na prosa contemporânea de Luandino Vieira, Pepetela e João Melo”. No livro, destaco as produções mais recentes (demarco, para tanto, o século XXI) de três escritores que, de alguma forma, estiveram envolvidos no projeto da utopia de uma nação angolana independente e que, nos novos tempos, reproduzem em ficções sinais de distopia. Em linhas gerais, defino traços distópicos analisados em suas obras, a representarem metonimicamente um novo tempo (uma nova geração), a partir de três eixos norteadores: (a) o questionamento sobre o quanto a identidade nacional está ou não atrelada a uma ideia de identidade racial; (b) a substituição de uma versão unificada da angolanidade, com emblemas monolíticos, por uma noção de pluralidades e diversidades; e (c) a admissibilidade de fluxos e transnacionalidades como componentes identitários.

Como afirmei no trabalho que menciono, em função da própria transitoriedade da ideia de uma distopia contemporânea, penso ser possível – admitidas determinadas circunstâncias – estender as análises sobre as representações ficcionais da distopia para além de Angola, a se pensar a questão em outras regiões e produções literárias, principalmente na África. As inegáveis conexões históricas, geopolíticas, antropológicas e culturais que existem entre as nações africanas permitem-nos, inclusive, propor análises a partir dos mesmos três eixos norteadores que defini com as leituras dos autores angolanos selecionados na pesquisa. É nesse

sentido, portanto, que proponho nesta parte do artigo analisar poemas do livro mais recente de Vera Duarte à luz de questões que entendo serem próprias dos tempos de distopia.

Urdindo palavras no silêncio dos dias (2024) é uma coletânea de poemas que Vera Duarte produziu durante os anos recentes em que o mundo viveu o isolamento e as angústias da pandemia do coronavírus (o livro tem como subtítulo “poemas de um tempo de pandemia”). Para além das dramáticas experiências individuais desses anos, a pandemia também propiciou reflexões profundas sobre as coletividades, do ponto de vista nacional e humanitário. Qual o sentido de se manter um modelo de sociedade que privilegia as garantias individuais em detrimento da sobrevivência alheia? Como sustentar as fronteiras geopolíticas diante de urgências globais? Por que mercantilizar internacionalmente insumos necessários às medidas de prevenção da saúde coletiva? Essas e outras questões levantadas durante o período pandêmico intensificaram a crise subjetiva dos tempos de distopia.

A experiência de estar em um mundo impactado por crises sociopolíticas diversas produz subjetivamente desalentos que são traduzidos por artistas das mais diversas manifestações culturais, sobretudo os que trabalham com a palavra. Nesse sentido, proponho a seguir uma análise da poesia mais recente de Vera Duarte de modo a apontar e explorar os sinais de distopia que defendo representarem um novo olhar para a condição humana e coletiva. A fim de pensar sobre essas questões, selecionei três poemas da obra. O primeiro deles de chama “Manifesto” e é enumerado como o poema 4 do livro:

Não sou a bandeira da raça
 Nem a última flor do lácio
 Transito
 Por povos e continentes
 Por vezes angustiada
 Por vezes desvairada

Transito
 Por minorias racializadas
 Deslocados em sofrimento
 Quantas vezes frustrada
 Quantas vezes apavorada

Transito
 Por insurgentes refugiados
 Sofridos emigrantes

Muitas vezes magoada
Muitas vezes destroçada

Não sou a bandeira da raça
Nem a última flor do lácio
Transito
Metamorfose poética
Por entardeceres incestuosos
Em veias abertas e sangrantes
Na carne viva da poesia (Duarte, 2024, p. 24).

A transitoriedade é condição subjetiva em um mundo distópico, na medida em que já não se pensam absolutos e garantidos os símbolos constituintes das identidades coletivas (ou aquilo que se forjou acerca delas). No período das utopias libertárias em África, instituíram-se, por convicções e necessidades, emblemas de luta uniformes e convergentes. Lutou-se em nome de bandeiras de alteridades em relação às representações dos colonizadores. Passado o tempo de uma história em que dissoluções e conflitos internos ajudaram a ruir a “pedra fundamental” da luta, tornou-se possível pensar nos encontros e atravessamentos ocultados ou obliterados pelos discursos nacionalistas. Quando o eu-lírico de Vera Duarte repete “Transito”, propõem-se poeticamente um gesto de desterritorialização como um novo atributo identitário. Note-se que o poema inicia pelos versos “Não sou a bandeira da raça/ Nem a última flor do lácio”. Não ser isto ou aquilo, como no poema de Cecília Meirelles, é menos uma duplicada recusa, mais uma proposta interseccional: a ideia é a de ser mais do que uma coisa ou outra, permitir-se fluir entre lados que se opõem.

Ser um africano nos novos tempos – nos diz Vera Duarte em entrelinhas poéticas – pode ser mais profundo e complexo do que a representação de uma identidade racial, o que não significa ignorar as conexões étnico-raciais no continente, nem tampouco ignorar a função materna da terra africana para as diásporas negras no mundo. É que a pluralidade e a diversidade são também atributos da africanidade. Da mesma forma, não se pode admitir um isolamento (geopolítico, cultural ou simplesmente simbólico) da África em relação aos fluxos de informação próprios da chamada (um tanto impropriamente) “comunidade global”. A despeito do que se pudesse imaginar ou idealizar, a modernidade ocidental também chegou à África e se tornou um ingrediente inevitável dos caldeirões culturais africanos, o que inclui linguagens e epistemologias. Pensar, por exemplo, o uso da língua portuguesa por parte de um(a) poeta africano(a) apenas pela ruptura com as tradições lusófonas pode ser um estigma e não uma

evidência, da mesma forma como também é enganoso entendê-lo(a) como um mero repetidor da língua de Camões. A nova cena africana é complexa.

Complexidade é uma palavra de ordem dos tempos distópicos, porque contrasta com as simplificações apaziguadoras das superadas hipóteses de unidade e completude. Não se pensar mais a partir de emblemas consolidados e permanentes produz desconforto e, por vezes, profundos conflitos. Afinal, o entendimento próprio e coletivo passa a ser um processo incansável, uma busca por sentidos inteligíveis entre os fluxos que compõem as identidades. As reflexões de Vera Duarte sobre a “identidade africana” também se podem notar no poema 12 do livro, intitulado “Eu africana me confesso”:

Eu africana me confesso
 Ave de raízes enterradas no vento
 Tronco de barbatanas em pétalas
 Flor rubra nascida no charco
 Gritando em pleno deserto
 A canção do mar das ilhas

Eu africana me confesso
 Mulher de imponderáveis errâncias
 Num mundo de distopias
 Trilhando rotas de desespero
 Derrubando todos os sofrimentos

Eu africana me confesso
 Mulher do mundo e de paixões desenfreadas
 De irreduzíveis amores
 Inconsequente e destemperada
 Mas sempre de punhos cerrados
 Resiliente no deserto da esperança

Eu africana me confesso
 Visionária e idealista
 Procurando por oásis de vida
 Sonhando uma África Livre
 Sem povos martirizados
 Nem gente em devastadoras convulsões

Eu africana me confesso... (p. 33-34).

A confissão da africanidade é uma busca, um processo de autocompreensão em meio à pluralidade e à complexidade. É a admissão das “imponderáveis errâncias/ Num mundo de distopias”. A identidade africana se define nas tensões entre as “raízes” e o “vento”. A *raiz* é um símbolo emblemático na história e na cultura africana, porque remete à ancestralidade brutalizada e oprimida nos séculos coloniais. Há, entretanto, uma África ao vento, não apenas pela liberdade alcançada, mas pelas conexões que voam, ultrapassam os limites territoriais. O paradoxismo africano está entre a terra e o ar, entre ficar e partir (um dilema tão cabo-verdiano, agora em síntese), entre o deserto e o charco, entre as tradições e a modernidade. Ser africano(a), contudo, é também resistir frente ao imperialismo neoliberal. Não se pode iludir, mediante as promessas da globalização, que haja no mundo internacionalizado uma fraternidade econômica e cultural. Há em curso um projeto hegemônico ocidental que vitima os mais pobres, sobretudo aqueles nascidos em países subdesenvolvidos. Ser africano(a), portanto, é seguir sonhando, “Procurando por oásis de vida/ Sonhando uma África Livre/ Sem povos martirizados/ Nem gente em devastadoras convulsões”. Não se pense ser a distopia a ruína de todo sonho, apenas há a descrença nas utopias consagradas e, com isso, a consciência de que seguir sonhando é uma indelével condição humana.

O último poema de Vera Duarte que seleciono para análise neste segmento é “África minha”, o poema 14 do livro *Urindo palavras no silêncio dos dias*:

Porque te amo oh África
Me angustio dos horrores
Que em teu solo se perpetuam

Porque te amo oh África
Me dilacero na escuridão
Ouvindo os gritos aterradores
De pessoas em agonia

Porque te amo oh África
Me envergonho dos tiranos
Dos corruptos e ditadores
Que em teu solo medram à vontade

Porque te amo oh África
Queria tecer em filigrana
Conchinhas bordadas em ouro
Entrelaçadas com raminhos de alecrim

Para enfeitar todos os teus mapas (p. 36).

A distopia africana adveio, em grande parte, das decepções havidas em relação aos projetos político-econômicos desenvolvidos por governos autônomos e pelo empresariado local, após as independências dos países africanos. Afinal, a grande utopia dos tempos de luta era a construção de espaços de prosperidade e cidadania na África, em que houvesse distribuição de terras e de renda, evitando concentrações de poder e de privilégios. Por isso, o eu-lírico de Vera Duarte declara: “Me angustio dos horrores/ Que em teu solo se perpetuam”. A perpetuação dos horrores, no caso africano, é não apenas a denúncia de ter havido a manutenção de políticas de desigualdades após uma alternância de poder qualquer, mas uma decepção em relação a um poder local que não extinguiu estratégias perversos e opressores dos estrangeiros colonizadores. Uma africana que tanto idealizou a liberdade e a soberania em seu país e nas nações irmãs só pode sentir o que afirma o eu-lírico: “Me envergonho dos tiranos/ Dos corruptos e ditadores/ Que em teu solo medram à vontade”. Nasceram em solo africano tiranos, corruptos e ditadores, como os “predadores”⁴ do romance de Pepetela, sujeitos que lutaram pela independência (nem sempre conscientes sobre os propósitos comunitários da luta) e, na primeira oportunidade, assumiram postos de comando para agir com prepotência e ganância semelhantes aos antigos colonizadores. A distopia em África é, afinal, o desfazimento de um maniqueísmo territorializado. Mediante a pluralidade e a complexidade componentes da identidade africana, deve-se aceitar a transversalidade ou a volatilidade da ideia de vilania, o que torna mais árdua a tarefa de manter vivos os sonhos coletivos.

Considerações finais

A poesia de Vera Duarte sempre foi caracterizada pela pungência com a qual a artista investe na retratação lírica da experiência humana, que é também resultante de sua condição sócio-histórica. A pesquisadora Simone Caputo Gomes, no livro *Cabo Verde: literatura em chão de cultura* (2008), defende que a poesia de Vera Duarte expressa

⁴ Referência ao romance “Predadores” (2008), do angolano Pepetela.

[...] vivências intensas, de experiência de mulher, de exaltação dos sentidos, de momentos de plenitude, união e beatitude alternados com extremos de sofrimento, desencanto, solidão e dolorosa alteridade, que não esquece das guerras, das utopias, das revoluções de homens e mulheres, de seu Povo, de todos os povos do mundo (Caputo, 2008, p. 243).

É natural, portanto, pensar que o tempo de produção da sua obra poética – tempo em que decorrem as circunstâncias que afetam e inspiram a alma da poeta e sua poesia – é determinante para as representações que se podem depreender na leitura. Neste capítulo, procuramos desvendar os sinais do tempo nas obras que estão, neste momento, nas “extremidades” (por assim dizer) da bibliografia da autora: a primeira e a mais recente publicação. Considerando não apenas as experiências pessoais da escritora, mas também (e sobretudo) sentimentos coletivos por ela expressos a partir de eventos históricos, propusemos uma análise que levasse em conta, no primeiro momento, a utopia libertária – no tempo imediatamente após a conquista da independência cabo-verdiana e das independências dos fraternos países africanos de língua portuguesa – e, no período recente, a distopia consequente das frustrações em relação aos projetos nacionais sonhados em África e também das decepções globais fruto de recentes crises humanitárias e socioambientais.

A distopia, contudo, não é o fim, mas o obstáculo para o sonho nas representações poéticas. Não há poesia ou qualquer outra forma de arte quando não mais se acredita no futuro. As novas formas de se sonhar, no entanto, desafiam as velhas crenças sobre divisões territoriais e divergências identitárias. Há dispersões acerca das ideias de afinidade e oposição entre indivíduos e grupos, consequentemente, deslocamentos e fluxos componentes das novas identidades. A nova poesia de Vera Duarte é a tradução de uma África que transborda para além de si mesma, sem, contudo, perder as raízes das próprias tradições.

Referências

- BAUMAN, Z. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Tradução: Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- CABRAL, A. *A arma da teoria*. Coordenação: Carlos Comitini. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.
- DUARTE, V. *Amanhã Amadrugada*. Belo Horizonte: Nandyala, 2023.

- DUARTE, V. *Urdundo palavras no silêncio dos dias: poemas de um tempo de pandemia*. Rio Pardo: Casa Brasileira de Livros, 2024.
- FANON, F. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e terra, 1992.
- GOMES, S. C. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.
- LARANJEIRA, P. As Literaturas Africanas de língua portuguesa: Identidade e autonomia. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 3, n. 6. p. 237-244, 2000.
- LYOTARD, J.-F. *A condição pós-moderna*. Tradução: Ricardo Corrêa Barbosa. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- MATTOS, M. B. *A geração da distopia: representações da angolanidade na prosa contemporânea de Luandino Vieira, Pepetela e João Melo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.
- PEPETELA. *Predadores*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDGER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Tradução: Júlio César Casarin Barroso Silva. Buenos Aires: CLACSO: UNESCO, 2005. p. 117-142.
- RAMOSE, M. B. “The Ethics of Ubuntu” in *The African Philosophy Reader*. 2. ed. London: Routledge, 2003. p. 379-387.
- SAID, E. W. *Estilo Tardio*. Tradução: Samuel Titan Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SANTOS, B. de S. Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e de outro. *Travessias: Revista de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa*, Coimbra, n. 6-7, p. 15-36, 2008.
- TEMPELS, P. P. *La Philosophie Bantue*. Lovania: UNILAB, 1945. Tradução para uso didático: Marcos Carvalho Lopes. Não paginado. Disponível em: <http://www.aequatoria.be/tempels/FTLovania.htm>. Acesso em: 17 maio 2024.
- TUTU, D. Filosofia Ubuntu. *Academia de Líderes Ubuntu*, Lisboa, 2024. Não paginado. Disponível em: <https://www.academialideresubuntu.org/pt/o-ubuntu/fundamentos>. Acesso em: 17 maio 2024.

Utopia and dystopia in the folds of time by Vera Duarte

Abstract: This chapter proposes an analysis of the poetry of the Cape Verdean writer Vera Duarte in two distinct moments of production, not only separated by the time of the poet's experiences, but also (and above all) by her socio-historical condition, in relation to the liberation and independence struggles in his country and in other former Portuguese colonies, sisters in language and in the meanings of Africanity. The aim is to think about Vera Duarte's poetic production from two contextual axes: utopia and dystopia. The reflections developed here are expansions of a research work that resulted in the publication of the book *A geração da distopia* (2021), about the fiction of Angolan authors similarly crossed by time. The theoretical framework of this chapter was developed, therefore, based on the aforementioned book and the theorists who supported the research, such as Anibal Quijano (2005), Frantz Fanon (1968), Amílcar Cabral (1980), Boaventura de Sousa Santos (2008) and Pires Laranjeira (2000). Also references in this text are thinkers of African ancestry and theorists of global contemporary times. The analyzes allow us to observe different fictional representations in different times separated by a history of projects and disappointments.

Keywords: Portuguese-language African literatures; Cape Verdean poetry; Utopia; Dystopia.

Recebido em: 24 de julho de 2024.

Aceito em: 3 de dezembro de 2024.